



A fotografia como construção e fixação de uma história na obra “Amor e Felicidade no Casamento” de Jonathas de Andrade ¹

Danilo da Silva BOAVENTURA²
Luiza Mylena Costa SILVA³

RESUMO

A fotografia como arte no Brasil surge a partir da vontade de identificação do brasileiro, deste paradigma surgem novos artistas que querem romper com esta visão. Jonathas Andrade é um destes artistas, sua série “Amor e Felicidade no Casamento” é uma obra que constrói uma história rica de subjetividade característica da arte contemporânea. Arte que é carregada de conceitos e aberta à interpretações, e ganha espaço no país nas mãos uma nova geração de fotógrafos artistas que expõem trabalhos carregados de subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; arte; comunicação; contemporaneidade; subjetividade.

INTRODUÇÃO:

Explorar a arte na fotografia é uma ambição desde seu surgimento. Afinal, quem pode dizer que a fotografia não é arte? O que torna a fotografia arte? Questões como estas são discutidas tanto por fotógrafos quanto por artistas. Que a fotografia é arte já podemos afirmar que sim, cabe agora pensarmos quando ela se torna arte.

Na contemporaneidade este problema muda de local, se antes era pensado no material fotográfico pronto, agora vamos mais além, pensamos o processo de criação, ou como Rubens Fernandes Junior (2006) nomeia na “fotografia expandida”. O pensamento artístico na concepção da obra é o que se discute e é nele que encontramos não só a fotografia, mas a arte como um todo.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação Audiovisual do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOMB/UFG, email: danillo_boaventura@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOMB/UFG, email: mylena.luiza@yahoo.com.br



Analisando a obra *Amor e Felicidade no Casamento* (2007), do brasileiro Jonathas de Andrade procura-se encontrar elementos que se encaixem nesta fotografia contemporânea, observando o processo de criação e buscando entender os traços subjetivos da série, bem como os aspectos do imaginário, da memória e emoção numa análise pressuposta.

Fotografia como arte

A discussão se a fotografia é ou não arte está, há algum tempo, obsoleta. Mas é importante voltar ao princípio deste questionamento para entender a maneira como vemos a fotografia artística atualmente.

Foi com o movimento pictoralista, por volta de 1890, que a noção de objetividade associado à fotografia foi posto à prova quando os artistas começaram explorar as possibilidades artísticas que a fotografia poderia proporcionar. Os vários processos usados pelos artistas remetiam à pintura, mostrando que apesar da vontade de se tornar um movimento novo, os artistas ainda estavam presos aos conceitos artísticos da época.

É na década de 1920 que aparecem os primeiros artistas da vanguarda, e a fotografia ganha novo *status* dentro da arte. Os vanguardistas eram sobretudo artistas que encontraram na fotografia uma maneira de se expressar, os fotógrafos, lembra André Rouillé (1998 p.304), “estavam demasiadamente absorvidos por sua tarefa história de documentar o mundo”. Tal fato com certeza o influenciou afirmar que “a arte de vanguarda de certa forma se tinha tornado fotográfica em seu princípio. Mas sem os fotógrafos”(1998 p.304).

De todo modo, este movimento se torna importante dentro das artes plásticas porque, se antes os pictoralistas eram fotógrafos que ousaram experimentar e ir além dos limites da objetividade fotográfica, agora os artistas recorriam aos recursos fotográficos em suas obras.

O que caracterizava as obras dos artistas vanguardistas era a presença conceitual da fotografia, “trabalhada pela lógica do indício, da marca do signo fisicamente ligado ao seu referente” (ROUILLÉ, 1998), eram as “fotografias-matéria” que eram antes caracterizadas por utilizar

a fotografia como uma simples ferramenta, um simples documento (...) estas não faziam de modo algum parte de sua obra (...) elas não eram senão um



simples acessório, no máximo uma prolongamento dessa obra (Rouillé, 1998).

Na arte contemporânea, entretanto, a fotografia recebeu novo *status*, ela se tornou “matéria-prima”, ou seja, agora “a fotografia constitui uma parte integralmente constitutiva da obra” (1998 p.307). Se antes os artistas utilizavam a fotografia apenas como uma parte da obra, às vezes até com “extrema indigência formal e medíocre qualidade técnica” (1998), hoje

o processo fotográfico passou da função de ferramenta para a de matéria-prima da arte contemporânea (...) Utiliza-se uma ferramenta, mas trabalham-se, experimentam-se, combinam-se os materiais no processo de produção da obra (Rouillé, 1998 p.307).

O registro ainda é importante, mas libertar-se das limitações funcionais do registro fotográfico foi o que tornou possível à fotografia compartilhar dos mesmos campos que a arte. O processo de criação é que passa a importar, é o pensar a foto que torna o fotógrafo não mais alguém que dispara o obturador, mas um artista que concilia técnica e conhecimento dos signos que irá registrar.

Rubens Fernandes Júnior nomeia este pensamento do processo de criação fotográfico de “fotografia expandida” que “tem ênfase no fazer, nos processos e procedimentos de trabalho cuja finalidade é a produção de imagens que sejam essencialmente perturbadoras”(2006, p.11)

A fotografia expandida é instigante porque tudo nela foi pensado, o artista tem domínio sobre o objeto fotografado, sobre o aparelho que usará para fazer o registro e ainda sobre a imagem produzida. A “fotografia expandida” ganha espaço na arte contemporânea porque

busca problematizar suas questões nos limites, na expansão, nas questões da identidade, da memória, do território, das etnias, do coletivo, do gênero, do corpo, da materialidade, do suporte (...) Na verdade, busca-se uma resposta aos exauridos sistemas de dominação impostos principalmente pelo mercado (FERNANDES JUNIOR, 2006, p.19).

É neste contexto que encontramos a obra *Amor e Felicidade no Casamento*. Analisando a série percebe-se como Jonathas de Andrade pensou no processo de criação das fotografias, trabalhando a produção da imagem com sua subjetividade e explorando os signos imagéticos de cada retrato. Na obra podemos perceber os três níveis de



intervenção citados por Fernandes Junior: entre o artista e objeto, o artista e o aparelho e o artista e a imagem.

Foto 1 – *Jonathas de Andrade*. Fotografias da série *Amor e Felicidade no Casamento*, 2007, Recife



Jonathas de Andrade e a fotografia pós-moderna

Nascido em 1982, na cidade de Macéio, Jonathas de Andrade, formou-se em Comunicação Social na Universidade Federal de Pernambuco, no Recife, onde foi radicado. O artista já expôs diversas obras em várias galerias de arte o país. Aliás, são as galerias o *locus* do artista, que explora o espaço para mostrar sua obras, reforçando aquilo que Rouillé afirma sobre a fotografia-matéria: “seu espaço é a galeria e o museu”(Rouillé, 1998).

Sua série *Amor e Felicidade no Casamento*, de 2007, é composta por 80 fotografias tipo *poster* e páginas de livro, posteriormente foi publicado uma série de fascículos das fotografias produzidas juntamente com a designer Yana Parente que remetem a um álbum de família.

O artista faz parte do grupo de fotógrafos que Tadeu Chiarelli diz ter surgido após a segunda metade da década de 1990 e “que buscam registrar a existência da fotografia no mundo, como que para certificar-se, de fato, da sua inserção no meio social” (Chiarelli, 1999 p.138). Jonathas demonstra esta existência da fotografia em *Amor e Felicidade no Casamento*(2007), porque a maneira que ele usa a fotografia como meio, e remetendo a Marshaan McLuhan(1969), a transforma em mensagem.

Amor e Felicidade no Casamento (2007) é o nome de um livro do escritor alemão Fritz Kahn, publicado no Brasil na década de 1960 pela Editora Melhoramentos. Kahn era médico especialista em ginecologia e escreveu livros sobre os mais variados assuntos. Na obra escolhida por Jonathas de Andrade, o alemão cria uma espécie de manual em que os casais podem recorrer para tirar dúvidas sobre a criação de filhos, como lidar com a crise no relacionamento e atitudes gerais para que um casal possa ser feliz junto. Apoiado na ideia de um casamento feliz o artista começa a criar o fio condutor de sua série homônima.

Jonathas de Andrade faz a adaptação da obra e na apresentação da série, que pode ser acessada em seu sítio *on-line*, ele diz que

o projeto parte da hipótese de que as estruturas morais que alicerçam os relacionamentos de classe média atravessam gerações igualmente conservadoras, absorvendo as mudanças de costumes apenas enquanto consumo e discurso (Jonathas de Andrade, ver <http://cargocollective.com/jonathasdeandrade/amor-e-felicidade>).

Na exposição, além das fotografias de Jonathas de Andrade, várias páginas recortadas se espalham pelas paredes, são do livro de Fritz Kahn (figura 2). O diálogo com a obra é evidente e palpável, até mesmo as partes recortadas se relacionam com as fotografias, ele explica que “na instalação, as fotografias mofadas e não mofadas se articulam com páginas do livro contendo fragmentos censurados e extraídos” (Jonathas de Andrade, ver http://www.galeriavermelho.com.br/sites/default/files/artistas/pdf_portfolio/ANDRAD E_2012_bx_2.pdf)

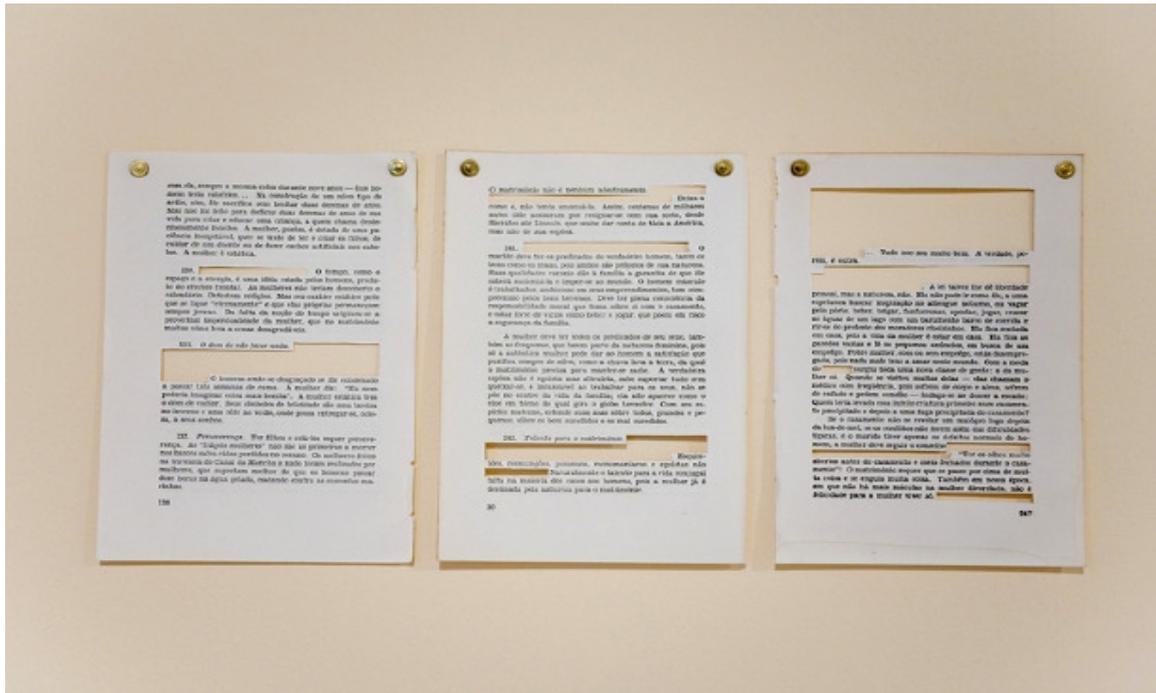


Foto 2 – Jonathas de Andrade. Fotografias da série *Amor e Felicidade no Casamento*, 2007, Recife

As páginas recortadas e as fotografias envelhecidas e mofadas (figura 3) dialogam entre si traduzindo como o casamento é frágil e pode ser afetado, em um sentido mais lírico, pelas intempéries do tempo no caso das fotografias e, no caso do livro, como o amor e a felicidade no casamento é maleável de tal maneira que elementos dele podem ser simplesmente retirados de uma página.



Foto 3 – Jonathas de Andrade. Fotografias da série Amor e Felicidade no Casamento, 2007, Recife

Nas fotografias da série encontramos o casal em várias situações e cenas da casa que supostamente pertence a eles. É esta suposição que prende quem vê a fotografia. Existe em toda a obra a presença de uma história, mas uma história que não é contada, é necessário usar a imaginação para poder dar sentido aos rostos, à casa bagunçada ou simplesmente aos móveis retratados. Cotton (2010) vê a construção de narrativas pela fotografia, e explica que:

essa área da atividade fotográfica é geralmente descrita como fotografia de quadros (*tableau photography*) ou de quadros-vivos (*tableau-vivant*), pois a narrativa pictórica se concentra em uma única imagem: a fotografia conta toda uma história” (Cotton, 2010, p. 49).

Cotton(2010) fala que também existem as narrativas feitas em sequência, que é o caso da série de Jonathas de Andrade. Explorando as fotografias de sua obra tentamos descobrir quem é o homem e a mulher, quem é o casal, procuramos saber mais de seus hábitos, e talvez o mais importante de toda a série: buscamos saber se eles são felizes no casamento.

Charlotte Cotton, analisando os fotógrafos pós-modernistas, explica como a fotografia foi utilizada neste processo de codificação

o pós-modernismo examinou esse meio de expressão em termos de sua produção, disseminação e recepção, abordando atributos inerentes a ele, como sua possibilidade de reprodução, imitação e falsificação(...) as fotografias foram vistas como sinais que adquiriram seu significado ou valor a partir de sua inserção no bojo de um sistema mais amplo de codificações sociais e culturais(2010, p. 191).

A partir desta definição, vemos como a fotografia tem poder significativo, criando novos discursos e dando nova roupagem e interpretação àquilo dito anteriormente reforçando o que Cotton afirma que “o significado (...) não está na realização do intento de um autor, nem necessariamente sob seu controle, mas é determinado somente em referência a outras imagens e sinais” (COTTON, 2010, p.191).

Não é só *Amor e Felicidade no Casamento* que remete à obras do passado, a característica pós-modernista do artista de recorrer à discursos anteriores também está presente em sua série *Educação para Adultos*(2010), baseado em um método de ensino para adultos elaborado pelo educador Paulo Freire na década de 1970 e *Recenseamento*



Moral(2008), que é um “exercício de livro de boas maneiras de 1980 aplicado em pesquisa na cidade do Recife como se tratasse de um recenseamento municipal” (Jonathas de Andrade, ver <http://cargocollective.com/jonathasdeandrade/recenseamento-moral>).

As releituras e adaptações de obras anteriores é a fonte de inspiração de Andrade, o artista re-significa de forma questionadora e lírica obras que muitas vezes foram esquecidas no tempo e lhes colocam sob códigos que possivelmente nenhum outro artista faria igual.

É possível perceber nas obras do artista uma provocação às regras e normas de conduta impostas à sociedade. Em sua série *Recenseamento Moral*(2008), se passa por recenseur que questiona, também como em *Amor e Felicidade no Casamento*. Andrade se pauta em um livro de 1980 para elaborar as questões.

Em suas obras Jonathas problematiza as normas, ou tentativas, impostas à sociedade, mas vai além, ele torna visível, como tais normas são falhas, frágeis. E em *Amor e Felicidade no Casamento*(2007) podemos perceber que, além de mostrar as fragilidades de uma relação, o artista faz isto por meio de uma narrativa, construindo uma história pensando em um imaginário coletivo de como deve ser um casamento.

A subjetividade na obra de Jonathas de Andrade

A subjetividade é a grande marca da contemporaneidade. Nessa compreensão é possível supor que Jonathas de Andrade busca no imaginário algo que possa exprimir de sua memória (temporalidade) e emoção (tema casamento). Trataremos desses pressupostos objetivando entender a subjetividade presente na obra *Amor e felicidade no casamento*, realizado em parceria com a designer Yara Parente em 2007.

Começaremos pelo questionamento do que é o imaginário. De acordo com a teoria lacaniana, o imaginário se dá por meio de imagens, de fantasias, de crenças, de ilusões, de impressões, de conceitos e preconceitos (OLIVEIRA, 2010).

Nesta mesma dimensão, QUERETTE afirma que o trabalho de Jonathas de Andrade enveredou-se por um caminho que vai na contra mão do convencional:



Parece-me que em *Amor e Felicidade* ele se permitiu uma obra com partes figurativas, uma obra com relações narrativas, uma obra que não se priva de expressar-se em formas conhecidas/instituídas que aqui se fizeram necessárias. *Amor e Felicidade no Casamento* é, também graças a isso, uma obra rica e com diversos níveis de leitura. O trabalho de Jonathas de Andrade tem, portanto, um certo frescor no olhar, sem alguns dos vícios procedimentais da arte contemporânea, e é genuinamente motivado por impulsos de tornar corpóreo algum tipo de pensamento. (2008, p. 25).

O imaginário, na concepção de Lacan, responde pelas percepções do espaço vivido, pela cultura absorvida e também pela construção das manifestações do eu no mundo. Nesse mesmo quadro, Georgia Quintas, crítica de arte no site “Olhave”, qualifica e relaciona a obra de Jonathas de Moraes como sendo uma

reflexão e acuidade de contemplação para que possamos nos inserir em sua vasta arqueologia documental, social, de pessoas (às vezes criadas outras nem tanto), fatos e condutas. Jonathas nos cerca de insurreições imagéticas que sugere o limite tênue e complexo entre real, referente, associação, interpretação e retóricas. O resultado fotográfico não é tão somente o que vemos, mas sobretudo as esferas simbólicas articuladas pelas motivações de Jonathas (Georgia Quintas, *Perspectivas*: <http://www.olhave.com.br/perspectiva/?p=411>).

Trabalhos como *Amor e felicidade no casamento* mexem com o imaginário humano e com a noção de cultura, pois o matrimônio em praticamente todas as sociedades se coloca como uma instituição importante para a manutenção da vida em coletividade. Para isso, faz-se importante lembrarmos o que é cultura, Segundo Tylor (1871, p.343) cultura é “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Já Geertz (1978), com sua antropologia interpretativa, define cultura como algo:



Essencialmente semiótico. Acreditando como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado à teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa, à procura do significado (1978, p.15).

Portanto, a procura por significado numa fotografia de casamento, costuradas às outras dentro de um álbum, carrega certos graus de sentimentos que as fotos carregam para os seus donos; o “amor” que gera “felicidade”, resultadas de um matrimônio, o “casamento”.

O site *Estudos da psicanálise e psicologia*⁴ conceitua a partir do entendimento de diversos estudiosos da psique, que a emoção é uma reação subjetiva ao meio ambiente, acompanhada de mudanças organizacionais (fisiológicas, endócrinas), de caráter inato, influenciadas pelas experiências; tendo uma função adaptativa. Ou seja, para a emoção no matrimônio (no antes, na celebração e nos momentos após o enlace) o fator ambiente deve gerar “experiências”, que, por conseguinte, solicita registro. E uma vez registrado a fotografia se encarregará de tornar aquele momento memorável e inescapável à mente.

A viagem de lua de mel é um exemplo recortado por Jonathas dentro do seu ensaio.



Foto 4: Jonathas de Andrade e Yara Parente, encenando um casal em lua de mel na praia, presente na obra "Amor e felicidade no casamento", 2007, Recife.

⁴ver: <http://psicopsi.com/pt/emocoes-2/>



Analisado esses três pontos, à envergadura da antropologia, da psicanálise e da psicologia, sem desconsiderar o fundamento base das ciências sociais; não é possível - mesmo com os elementos para um casal estar feliz, tendo casa, viagem de lua de mel - ver felicidade nas expressões da personagem que Jonathas de Andrade interpreta. Contudo, voltando ao abarco das ciências da mente, estes não são determinantes para dizer que se trata de (das imagens) um matrimônio frio ou mesmo infeliz. O autor da obra, sobretudo, poderá dizer quais sensações o seu trabalho quis provocar no campo da memória, do imaginário e da emoção.



Foto 5– *Jonathas de Andrade.*
Fotografias da série Amor e
Felicidade no Casamento, 2007,
Recife



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber a visão contestadora de Jonathas de Andrade, adaptando ideologias de forma lírica, poética e até irônica em suas obras. Esta perspectiva da realidade é muito mais relacionada a sensibilidade artística pessoal de Andrade. *Amor e Felicidade no Casamento* (2007), é o tipo de obra que te intriga, que faz o público ver àquele casal e pensar em seu casamento, ou nos casamentos que os rodeiam, questionando se o casal retratado é mesmo feliz, e ainda mais, se o casamento tem se quer relação com a felicidade.

Todos estes sentimentos são proporcionados pela maneira que Jonathas de Andrade posiciona os atores, que escolhe retratar móveis ou espaços vazios, pelo processo de envelhecimento que ele aplica às fotografias e, enfim, pela maneira que o artista pensa no processo de criação da fotografia.

Devemos refletir também em como Andrade se utilizou da fotografia como para compor sua obra, pois é justo por meio dos retratos familiares que se reproduz o imaginário de felicidade no casamento. A crítica é bastante atual, escolher a construção de uma história no passado além de remeter à obra de Fritz Kahn de 1960, evidencia como ainda hoje sustentamos o discurso de amor e felicidade nos casamentos.

Ao escolher produzir com obras que são conhecidas corre-se o risco de ser mal interpretado, ou até mesmo não ser compreendido, mas Jonathas de Andrade não teve este problema. Com peculiaridade, o artista mostrou, à sua maneira, suas impressões sobre o que seria ter amor e ser feliz no casamento. Agora, cabe ao público construir sua própria significação, construindo o sentido a partir da narrativa proposta por Andrade.

Esse tempo (pós- moderno) continuará incentivando novas formas de se fazer arte usando a fotografia como instrumento. Novas formas, ideias e motivações virão aumentando, ressignificando e despertando olhares diferenciados sobre a coletividade e as suas manifestações culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIARELLI, Tadeu. **Identidade/Não Identidade: A fotografia brasileira hoje** In: *Arte Internacional brasileira*. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.



COTTON, Charlotte, **A fotografia como arte contemporânea**. Ed. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2010.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Processos de criação na fotografia. Apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica**. In FACOM, n. 16, 2º semestres, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.

MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**. Ed. Record. Tradução: Ivan Pedro de Martins).1969.

OLIVEIRA, I. B. **Ensaio sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário**. Belo Horizonte, Ed. Sobrames, 2010.

ROUILLÉ, André. **Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas**. In TURAZZI, M. I. (org.) **Fotografia – Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, Ministérios da Cultura, n. 27, 1998.

QUERETTE, Georgia. **Perspectiva**. Disponível em <<http://psicopsi.com/pt/emocoes-2/>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2013.

TYLOR, Edward. **Cultura Primitiva**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1971.